

MOSAICO MINEIRO CRÔNICAS SOBRE A FOLIA DE REIS E MONTE CARMELO¹

Nathália Coelho da SILVA²

Luara Nunes MARINHO³

Lunde Braghini JUNIOR⁴

Universidade Católica de Brasília - UCB

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de resgatar e documentar, por meio de um livro de crônicas e fotografias, as histórias de vida e fé dos habitantes de Monte Carmelo/MG, bem como da festa popular cultural realizada na cidade, a Folia de Reis. Para tanto, uma pesquisa de campo foi feita no município durante os dez primeiros dias do mês de janeiro de 2011. O gênero jornalístico “crônica” foi o escolhido como o mais adequado para perpetuar e interpretar, por meio da escrita, o significado da folia para a comunidade interiorana, sobre a cidade brasileira, dando-lhes visibilidade. Técnicas aprendidas no exercício do jornalismo como cobertura, fotografia, apuração, texto jornalístico e diagramação de impressos foram adaptadas para a criação desse produto.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; cultura; Folia de Reis; Monte Carmelo; religiosidade.

1 INTRODUÇÃO

"Minas, são muitas. Porém, poucos são aqueles que conhecem as mil faces das Gerais."

(João Guimarães Rosa).

A definição do escritor mineiro introduz o pensamento de que Minas Gerais é multifacetado e rico em diversidade. Prova disso é saber que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵, o estado é o segundo mais populoso do país. São quase 20 milhões de habitantes espalhados em seus 853 municípios. Com tanta gente assim, não é surpresa que ele produza e preserve, desde o Império Colonial, conteúdo artístico, cultural e religioso em suas mais diversas manifestações.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Edição de Livro (avulso).

² Aluno líder do grupo e recém-graduado do Curso de Comunicação Social, email: nathaliacoelhoj@gmail.com.

³ Estudante recém-graduado do Curso de Comunicação Social, email: luara.nunes@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: lundebj@uol.com.br.

⁵ Dados referentes ao Censo Demográfico de 2010. Disponíveis em: www.ibge.gov.br Acesso em 18 de maio de 2011.

Em texto de apresentação sobre os costumes do povo mineiro, intitulado *Nossa Gente*⁶ e disponível no site oficial do estado, diz-se que o mineiro é um “povo acolhedor e trabalhador, dedicado à arte de receber bem, de cultivar as tradições religiosas e a convivência familiar.” E são os protagonistas de várias festas culturais católicas resguardadas pela população desde o século retrasado:

A diversidade cultural tão marcante em Minas encontra semelhanças nas manifestações religiosas. Em muitas cidades, a figura dos ‘festeiros’ – pessoas dedicadas a organizar as festas das igrejas – é muito popular. Os eventos promovidos pelas paróquias sempre movimentam as cidades: são bingos, barraquinhas e outros eventos que preparam a comunidade para as grandes festas dos padroeiros e também do Congado e da **Folia de Reis**. Além das festas, a fé gera costumes ligados à hospitalidade, **como o hábito de receber a Folia de Reis em casa**, oferecendo comida para todos os presentes, ou receber em casa a imagem da Santa Visitadora para rezar com os vizinhos. (GOVERNO DO ESTADO DE MINAS. Acesso em 16 maio 2011 - grifo nosso)

Representando um recorte desse baú mineiro, Monte Carmelo é uma cidade localizada no sul do estado. Fica a 464 km de Brasília e 486 km de Belo Horizonte. Possui pouco mais de 45 mil habitantes.⁷ O município não consta nas listas de cidades históricas, mas tem muita coisa para contar, pois são 170 anos de existência. Segundo Slywitch (1995, p. 5), o primeiro povoado, chamado de “Carmem da Bagagem” surgiu em 1840, passando para vila em 1982 e cidade, dez anos depois.

Monte Carmelo é a típica cidade mineira. Possui praçinhas, a Igreja Matriz, a tranquilidade de poder passear nas ruas sem a agitação da cidade grande. Preserva também em sua cultura festas religiosas, como a Congada e a Folia de Reis. Segundo o arquivo *Manifestações Culturais – Folia de Reis*, cedido pela Casa de Cultura da cidade em 12 de novembro de 2010, a tradição da Folia de Reis é datada de 1945 na cidade. Contudo, só em 2006, a Prefeitura decidiu realizar o I Encontro de Foliões de Monte Carmelo e região. O cadastro descobriu 13 grupos distintos de folia.

E o que é a festa de Reis em sua essência? É uma manifestação cultural brasileira promovida durante o ciclo natalino, de 24 de dezembro a 6 de janeiro, em comemoração ao nascimento do menino Jesus. Nessa festa há uma glorificação dos Três Reis Magos, Baltazar, Belchior e Gaspar, em particular, e da família Sagrada, evidenciando Maria, mãe de Jesus. Os grupos foliões, movidos geralmente pelo pagamento de uma promessa

⁶ De *Nossa Gente*. Disponível em <http://www.mg.gov.br/governomg/portal/m/governomg/conheca-minas/5660-nossa-gente/5146/5044>. Acesso em 16 de maio 2011

⁷ Dados referentes ao Censo demográfico 2011. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 15 de maio 2011

concedida, peregrinam de casa em casa, cantando e tocando seus instrumentos, carregando a bandeira dos Santos Reis até entregá-la em uma festa com muita comida e bebida para o festeiro do ano seguinte. Além dos foliões, a comunidade também se envolve nos festejos.

A literatura indica que a tradição da “Folia de Reis” teria chegado ao Brasil por intermédio dos portugueses no período da colonização, uma vez que, essa manifestação cultural era realizada por toda Península Ibérica sendo comum a doação e recebimento de presentes a partir da entoação de cantos e danças nas residências. Nessa linha de argumentação, a Folia de Reis teria surgido no Brasil no século XVI, por volta do ano de 1534, (...). Desta forma a Folia de Reis passou a ser composta pelas manifestações culturais de diversas etnias e povos, com variações regionais, seja quanto ao estilo, ao ritmo e ao som, entretanto, mantendo a mesma crença e devoção ao Menino Jesus, a São José, a Virgem Maria e aos Reis Magos. (PERGO, 2011)

Desse modo, Monte Carmelo tem escondido em seu cotidiano a simplicidade vivida por seus moradores, ainda perpetuadores das antigas tradições. Causos e prosas contadas ao som da viola, as promessas a Santos Reis, milagres concedidos e castigos nunca esquecidos por quem repudia a folia. É nesse cenário que esse trabalho foi realizado, com o objetivo de promover um resgate da comunidade carmelitana e da Folia de Reis.

A maneira encontrada de traduzir a emoção, as percepções e as experiências relativas à vida e religiosidade foi construir um livro de crônicas, com algumas fotografias, a partir da pesquisa de campo realizada em janeiro de 2011. Como afirma MELO (2003, p. 156), “o cronista que sabe atuar como consciência poética da atualidade é aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado pelos leitores.” Afinal, é preciso beleza e poesia para materializar os sentimentos, lançando reflexão ao cotidiano, ao simples, aos milagres, aos fatos curiosos, às promessas, às coisas de família, ao olhar a bandeira do peregrino, os acordes da viola a tocar. Cândido (1992, p. 14) ainda afirma que “a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”. E Segundo Sá, falando sobre Paulo Mendes Campos:

Para ver além da banalidade, o cronista vê a cidade com os olhos de um bêbado ou de um poeta: vê mais do que aparência, e descobre, por isso mesmo, as forças secretas da vida. Não se limita a descrever o objeto que tem diante de si, mas o examina, penetra-o e o recria, buscando sua essência, pois o que interessa não é o real visto em função de valores consagrados. É preciso ir mais longe, romper as conceituações, buscar exatamente aquilo que caracteriza a poesia: a imagem. (SÁ, 1992, p. 48)

Vale lembrar também que a ideia de abordagem da cultura interiorana está imersa na fuga dos valores urbanos e acadêmicos, da cidade grande da universidade, na qual nos

inserimos. O choque de prioridades nesses dois modos de vida traz à tona uma importante discussão acerca da cultura popular, que, por sua vez, está imersa na cultura brasileira. Bosi (1992, p. 323) explica que dentro da cultura própria do país existem inúmeros “fenômenos simbólicos, pelos quais se explica a vida brasileira”. Nesse caso, podemos traçar um paralelo entre o moderno e o tradicional, que

[...] são complementares, mas não simétricos. Um tem o tempo a seu favor, outro luta contra o tempo. Um “avança”, o outro “resiste”; assim, ao menos, se concebem. Juntos concorrem para a opinião de que as favas estão contadas quanto ao resultado final. Seja por “progresso” ou “involução”, o futuro promete o desaparecimento de um dos lados, aquele, justamente, que se supõe prejudicado pelo tempo. (FERNANDES, 1994, p.170)

O livro é, portanto, nossa contribuição na tentativa de não deixar morrer as tradições da Folia de Reis e da cidade de Monte Carmelo.

2 OBJETIVO

Produção de um livro de crônicas a partir da pesquisa de campo realizada com os envolvidos da Folia de Reis de Monte Carmelo/MG em janeiro de 2011.

3 JUSTIFICATIVA

A descoberta ao longo do curso de Comunicação Social de uma paixão em comum levou-nos à construção de um produto, em dupla, que envolvesse o universo do estado de Minas Gerais. Nós duas trazemos, cada uma ao seu modo, raízes de berço que evidenciam a tradição mineira e católica em nossas vidas. Assim, o modo que encontramos de fundir nossos interesses foi a elaboração deste trabalho, a partir dos relatos de pessoas envolvidas na Folia de Reis do município de Monte Carmelo, cidade onde os avós da Nathália moram. Para além dos nossos anseios, o livro também é um modo de perpetuar valores e memórias dos habitantes carmelitanos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Por ser um trabalho de cunho cultural e social, que envolve a subjetividade e o comportamento humano, o método qualitativo foi escolhido. Além da pesquisa bibliográfica e documental sobre os temas inerentes ao processo de criação do produto, realizamos uma viagem ao município, no período de 30 de dezembro a nove de janeiro,

para colher depoimentos e participar ativamente da Folia de Reis de 2011. Ficamos na casa dos avós da Nathália.

O coordenador da Casa de Cultura do município, Clébio R. Silva, foi previamente avisado sobre o projeto de pesquisa e por isso pôde nos ajudar quanto ao conhecimento do território, embora a prefeitura estivesse de recesso de ano novo. Com os contatos em mãos dos foliões, fomos descobrindo os locais e horários das festas para acompanharmos.

Basicamente, os dias seguiram assim: traçávamos um roteiro na noite anterior e tentávamos cumpri-lo ao longo do dia seguinte. No fim do dia socializávamos nossas impressões, registrando no papel e no computador tudo o que havíamos conseguido. Percepções, entrevistas e possíveis pautas de crônicas também eram anotadas. As entrevistas ora eram feitas por nós duas, ora eram feitas individualmente. Dependia do contexto e do momento.

Acompanhamos quatro grupos de foliões diferentes: Folia de Santa Maria e São José, Andarilho dos Magos do Oriente, Andarino dos três Reis Magos (grupo da roça) e Mensageiros do Oriente. Além da Casa de Cultura e à prefeitura, fomos também à Rádio Cultura (a mais antiga da cidade), à Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, à Igreja do Rosário, ao Clube dos Marrecos (o maior da região), visitamos mais de cinco praças, dois bares dançantes (os únicos que a cidade tem) numa noite de sábado, além das lojas do comércio. Fomos também ao cemitério, ao Batalhão da Polícia Militar, à TV Nova, a sorveterias, lanchonetes e a uma pizzaria. Visitamos uma Fábrica de telhas – conhecida “como cerâmica” – abandonada, e mais de dez casas de famílias da região.

Enfrentamos dificuldade para colher os depoimentos relativos à Folia. Isso porque a manifestação cultural é algo tão intrínseco na vida daquelas pessoas que, para elas, não havia muita coisa a descrever. Recebemos muitas respostas curtas, como “Sim, é isso mesmo”, “Verdade”, “Não”. Tivemos que direcionar o questionário, ir conversando sobre nossa vida, até que eles nos contassem suas recordações.

Usamos o recurso de gravação para documentar o momento vivido a fim de recordá-lo depois. Já a fotografia teve um papel importante na construção do livro, afinal algumas imagens foram incluídas em sua versão final. Cada um à sua maneira, foto e imagem podem fazer a cidade de Monte Carmelo, bem como a folia, mais tangível à visão do receptor da mensagem. É como um casamento entre texto e imagem.

As fotos valem, portanto, como instrumento de memória e resgate de uma história. Kossoy, em *Os tempos da fotografia*, afirma que “a perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, o tempo paralisado, uma fatia de vida (re)tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem” (2007, p.133). Em outro livro seu, *Fotografia e História*, o autor diz que “a experiência visual do homem quando diante da imagem de si mesmo, retratado por ocasião das mais corriqueiras e importantes situações de seu passado, leva à reflexão do significado que tem a fotografia na vida das pessoas” (2003, p.99). Ambos os aspectos descritos remetem ao trabalho aqui em questão. Montamos ao final do processo, inclusive, álbuns de fotografias e levamos para cada grupo que nos deu a oportunidade de acompanhá-lo.

Em *A câmara clara*, Barthes (1998) analisa as fotos por meios dos conceitos como o de *punctum*. “O *punctum* é um ‘detalhe’, ou seja, um objeto parcial.” É o ponto máximo para cada observador de uma imagem, algo que incomoda, mas que se faz ver e é presente. A procura do *punctum* de Barthes (se é que se pode encontrá-lo) também motivou a inserção de imagens em nosso livro: é a paralisação do instante interpretado como o registro da emoção transpirada pela tradição dos Reis.

Tabela de arquivos

Arquivos			
Tipos de arquivos	Quantidade	Tempo médio das entrevistas	Tempo Total
Áudio	33	20 minutos e 43 segundos	11h02min41seg
Vídeo	14	6 minutos e 40 segundos	01h33min25seg
Fotografia	1797	-	-
Entrevistas	Em média 80 pessoas	De 10 min a 4 horas	-

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo de criação das crônicas se deu concomitantemente à viagem. O ciclo se fechou no fim do mês de abril do mesmo ano. Apesar de terem sido selecionados mais de cem assuntos, ao todo, escrevemos cinquenta textos, 22 crônicas sobre a cidade e 28 sobre a Folia de Reis. Decidimos, então, colocar todas as crônicas produzidas no livro.

Basicamente, a produção dos textos foi definida com base nos assuntos relativos às entrevistas feitas por cada uma de nós, quando se tratavam de histórias contadas pelo povo. Quanto à percepção, cada uma selecionou o que gostaria de colocar no papel, envolvendo as emoções individuais sentidas nos locais visitados, com as pessoas conhecidas, os momentos vividos, enfim, de um modo geral, tudo o que se enquadra no âmbito do “eu” de cada uma de nós.

Quanto à estrutura do texto, estudamos as classificações das crônicas, o foco narrativo e os principais autores. Cinco deles nos inspiraram bastante: Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Dependendo do contexto a ser abordado, buscávamos experimentar o melhor modo de retratar o assunto. Vale ressaltar que a construção de um texto podia vir de uma pequena frase dita pelo entrevistado ou a descrição completa da entrevista. Portanto, há crônicas todo transcritas, com uma dose de ficção e outras inventadas. Algumas os nomes das pessoas foram modificados para preservar a identidade.

O nome do livro só foi definido no fim de maio, quando o processo já estava quase finalizado. Como “casar” a cidade, o povo, as histórias e a fé que envolve a realização da manifestação cultural? Bom nosso trabalho tinha feições de mosaico. Era um pouquinho do tudo: dali, de acolá, daqui, de lá... Sim, um mosaico mineiro. E como um bom mosaico, nosso livro foi feito de recortes da individualidade de cada um que entrevistamos, dos lugares por que passamos, das prosas e causos de Monte Carmelo. De um modo geral, em cada coisa, uma dose de fé. Pronto, encontramos o título: **Mosaico Mineiro: recorte de fé**. Contudo, optamos por deixar só a primeira parte e o “recorte de fé” ficaria subentendido. Portanto, chegamos ao título: **Mosaico Mineiro: crônicas sobre a Folia de Reis e Monte Carmelo**.

A construção do projeto gráfico foi baseada nos elementos da própria Folia, como o formato dos instrumentos (viola, pandeiro, triângulo), as fitas coloridas com a predominância de vermelho, azul e amarelo, e as formas, como o retângulo da bandeira porta-estandarte, símbolo máximo da festa. Pensamos também em nossos leitores: a comunidade acadêmica e a própria população da cidade. E idealizamos um projeto que pudesse transitar entre o moderno e o simples, visualmente falando. Uma tarja vermelha e azul foi escolhida para ocupar a parte superior do livro. Nela aparece o nome das editoriais: Folia de Reis e Monte Carmelo, e faz referência às fitas de enfeite da festa. As fontes mais

arredondadas dos títulos fazem uma alusão às letras cursivas, lembrando uma cultura mais tradicional. A letra serifada, no caso estilo *garamond*, no corpo do texto é justificada para uma melhor leitura das crônicas.

Para a capa, foram feitas duas artes distintas. A primeira foi composta por uma foto tirada no turno noturno com poucas cores. A segunda foi feita a partir de uma fotografia tirada na Folia da Roça e posteriormente tratada e montada no *Photoshop*. Para passar a alegria que é a festa, escolhemos a última arte.

CONSIDERAÇÕES

Por mais que se pesquise, converse-se com as pessoas, analise-se seu comportamento, passem-se alguns dias em seu convívio e nos desprendamos dos preconceitos, nunca conseguiremos captar em sua mais pura essência como é a vida de um cidadão de Monte Carmelo. Podemos dizer o mesmo em relação à Folia de Reis. Cada momento acaba se tornando singular nessa grandiosidade que é a cultura popular de um povo interiorano. Os sentimentos que latejam dentro dos participantes não se movem da mesma maneira dentro de nós já não fazemos parte intrinsecamente daquele lugar.

Portanto, pode-se dizer que o nosso livro é como um recorte da cidade e da festa. Os locais que visitamos, as histórias que ouvimos e as emoções sentidas foram trazidos na bagagem. Afinal, seguimos todas as prerrogativas listadas acima (pesquisa, conversa, convívio, desprendimento), sem contar a dose de amor presente em cada coisa que fizemos. Aliás, essa foi a maior lição que tiramos da viagem. De um modo geral, tudo que o povo de Monte Carmelo faz é de coração, tem doação, respeito ao próximo.

Assim como em qualquer lugar, pudemos perceber – levando em consideração as histórias e memórias que nos foram ofertadas à escrita – que as pessoas também têm problemas, anseios, momentos ruins, vontades, desejos reprimidos e exacerbados. É nessa normalidade que encontramos o incomum. Suas histórias de vida são permeadas por fatos inusitados e curiosos.

Quanto à Folia de Reis, enxergamos pessoas que preservam um costume antigo em pleno século XXI, e amam o que fazem. É perceptível em seus olhos o amor e fé pela bandeira dos Santos Reis. É uma atmosfera que envolve a maior parte da comunidade católica de cidade. Por outro lado, também observamos que determinados valores atuais também, de alguma forma, se infiltram na tradição. Dizemos isso em relação à bebida

alcoólica nas festas, à presença de carro-de-som automotivo e ao desrespeito de alguns jovens, que colocam o som alto bem no momento da realização das festividades. É, de fato, a mescla entre o moderno e o antigo. Transformar tudo isso, que não é tangível, em palavras, também foi um exercício interessante.

Portanto ter concluído o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo com um trabalho que envolveu tanto o nosso universo acadêmico quanto o familiar foi unir, em uma mesma linha, a cultura universitária com a popular. Ao provar nossa capacidade na elaboração de um projeto de Conclusão de Curso mergulhamos em um tema que foge aos níveis do ambiente científico e acaba focando as tradições, o interior, o nível emocional e metafísico dos que perpetuam esses valores em pleno século XXI. Enquanto pessoas que somos, não só os estudos teóricos nos preenchem. Somos feitas também de coração, de amor à família. Nossa identidade também é formada – e, por que não, principalmente – pelos ensinamentos vindos de casa.

Quanto ao Jornalismo, a construção de um livro em completude, embora seja um processo árduo, nos remeteu a vários conceitos e técnicas aprendidos ao longo do curso, em torno de apurar histórias, entrevistar, fotografar e diagramar impressos. Também entramos na discussão do “casamento” entre texto e imagem. Portanto, além do título acadêmico, construir “Mosaico Mineiro: crônicas sobre a Folia de Reis e Monte Carmelo” nos fez mais inteiras, enquanto pessoas e profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVOS de texto e fotografias antigas da Casa da Cultura de Monte Carmelo/MG.

ARQUIVOS Públicos da Prefeitura de Monte Carmelo/MG

Site: <http://www.montecarmelo.mg.gov.br>

Acesso em 22 de setembro de 2010 e 01 de junho 2011

ARQUIVOS Públicos do Governo do Estado de Minas Gerais

Site: <http://www.mg.gov.br/>

Acesso em maio e junho de 2011

ARRIGUCI JR, D. **Fragments sobre a crônica. Enigma e comentário.** Ensaios sobre literatura e experiência, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BARTHES, R. **A câmara clara.** Lisboa: Edições 70, 1998. 172 p.

BENDER, F; LAURITO, I. **Crônica, história, teoria e prática.** São Paulo: ed. Scipione, 1993.

BOSI, A. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1992.

CANDIDO, A. (et al.). **A CRÔNICA**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1992.

CASTRO, Z. M. De; COUTO, A. Do P. **Folias de reis**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

FERNANDES, R. C. **Romarias da Paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FOLIA de Reis, tradição e fé. Registro sonoro do Encontro de Folia de Reis do DF, realização Viola Brasileira Show Produções e Eventos (VBS) com apoio do Centro de Memória Digital da Universidade de Brasília, Brasília, 2006. CD duplo.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**: Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, Sp: Edusc, 2001.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007, 174p.

_____. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2001. 167 p.

MELO, J. M. De. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 208 p.

MORAIS FILHO, M. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

PEAZÉ, L. **Crônico: Uma aventura diária nas esquinas do Rio**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

PERGO, V. L. **Os rituais na Folia de Reis: Uma das festas populares brasileiras**. Graduada pela Universidade Estadual de Maringá, Especialista em História e Sociedade. Disponível em:
<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2011.

SÁ, J. de. **A crônica**. 4. ed São Paulo: Ática, 1992. 94 p. (Princípios)

SILVA, C. H. da; BET, C. N.; ULBRICHT, V. R. **A influência da criatividade no design gráfico. 2002** Disponível em:
<http://departamentos.unican.es/digteg/ingegraf/cd/ponencias/312.pdf> . Acesso em: 12 abr. 2011.

SLYWITCH, Professor Y.; CARMELO, Casa de Cultura de Monte (Org.). **Monte Carmelo e sua História**. Monte Carmelo: Prefeitura de Monte Carmelo, 1995.